

ASTENIA CUTÂNEA EM GATO (RELATO DE CASO)

SILVIA FRANCO ANDRADE,¹ RAIMUNDO ALBERTO TOSTES,² OSIMAR SANCHES,³ ALESSANDRA MELCHERT,⁴
ROSA MARIA BARILLI NOGUEIRA⁵ E SIHA FERNANDES VALENTE⁶

1. Professora doutora do Departamento de Clínica Médica de Pequenos Animais do Curso de Medicina Veterinária da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), Presidente Prudente, SP, Brasil. E-mail: silviafranco@unoeste.br
2. Professor doutor do Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR), Maringá, PR. E-mail: tostes@cesumar.br
3. Professor mestre do Departamento de Anatomia Patológica do Curso de Medicina Veterinária da UNOESTE. E-mail: osimarsanches@uol.com.br
4. Professora doutora do Departamento de Clínica Médica de Pequenos Animais do Curso de Medicina Veterinária da UNOESTE. E-mail: alessandravet@unoeste.br
5. Professora doutora do Departamento de Clínica Médica de Pequenos Animais do Curso de Medicina Veterinária da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE). E-mail: noballi@ig.com.br
6. Pós-graduanda da Faculdade de Medicina, UNESP-Botucatu, SP. E-mail: sihavalente@yahoo.com.br

RESUMO

Astenia cutânea é caracterizada por alterações na síntese de colágeno ou na formação de fibras que resulta em perda de elasticidade e fragilidade da pele. Atendeu-se no HV da UNOESTE um felino, sem raça definida, macho, 1 ano, não vacinado e vermifugado, com livre acesso à rua e com queixa de apatia e anorexia fazia uma semana, apresentando hiperextensibilidade e fragilidade cutânea da região da cabeça e do flanco direito, com rompimento da pele e visualização do subcutâneo sem hemorragia. A qualquer toque ou manipulação do animal, o desprendimento da pele aumentava. Foram colhidas amostras da pele para realização de biopsia e os achados histológicos

demonstraram atrofia epidermo-dermal com depleção de anexos cutâneos e discretas áreas de hemorragias nos locais de laceração cutânea. Ao tricômico de Masson percebeu-se desorganização das fibras colágenas. Na microscopia eletrônica de transmissão, observou-se intensa variação de diâmetro das fibras colágenas. Com base nos achados físicos e histopatológicos, confirmou-se a suspeita de astenia cutânea, dermatopatia que não possui tratamento específico, somente medidas de manejo que visem minimizar possíveis traumas ou lacerações, como ambientes acolchoados e restrição à saída para rua, além de tratamento das lesões e do desprendimento da pele.

PALAVRAS-CHAVES: Astenia cutânea, gato, síndrome da fragilidade cutânea.

ABSTRACT

CUTANEOUS ASTHENIA IN CAT (CASE REPORT)

Cutaneous asthenia is characterized by alterations in the synthesis of collagen or in the formation of fibers that results in loss of elasticity and fragility of the skin. It was attended in HV of UNOESTE, a crossbred male cat, 1 year, no vaccinated and dewormed, with free access to the street and with apathy and anorexia, presenting hyperextensible and cutaneous fragility of the head's area and of the right flank, with skin disruption and visualization of the subcutaneous without bleeding. Any touch or manipulation of the animal the skin detachment

increased. Skin samples were collect for biopsy and the histological examination demonstrated atrophy epidermo-dermal with depletion of annex and discreet areas of hemorrhages in the places of cutaneous laceration. To the Masson's trichrome it was noticed disorganization of the fibers of collagen. In the electron microscopic intense variation of diameter of the fibers of collagen was observed. With base on the physical and histopathological findings it was confirmed the suspicion of cutaneous asthenia, pathology that doesn't have specific treatment,

only management measures to minimize possible traumas or lacerations, as padded ambient and restriction to the

exit for street, besides treatment of the lesions and of the detachment of the skin.

KEY WORDS: Cat, cutaneous asthenia, syndrome of the cutaneous fragility.

INTRODUÇÃO

Astenia cutânea, dermatosparaxia, síndrome da fragilidade cutânea ou também denominada síndrome de Ehlers-Danlos em humanos, é um grupo de distúrbios hereditários em que alterações na síntese de colágeno ou na formação de fibras resultam em perda da elasticidade e fragilidade da pele (MEDLAU & HNILICA, 2003). É uma doença relativamente rara em cães e gatos (POULSEN et al., 1985; SEQUEIRA et al., 1999), em bovinos e ovinos (HELLE & NES, 1972; JONES et al., 1997), e em coelhos (SINKE et al., 1997; IGLAUER et al., 1999).

O mecanismo como ocorre a doença ainda não está bem elucidado, mas relatam-se deficiências na enzima procólgeno-N-peptidase em um gato Himalaio (COUNTS et al., 1980). Um gene autossômico dominante foi responsável pela doença em gatos e em humanos (PATTERSON & MINOR, 1977; COLLIER et al., 1980).

Os sinais cutâneos caracterizam-se por distensão cutânea exagerada, pele fina e frágil que se rompe facilmente por traumas mínimos (SCOTT et al., 1996; MEDLAU & HNILICA, 2003). A pele adere-se frouxamente aos tecidos adjacentes, podendo ser esticada a comprimentos extremos e formar dobras, especialmente nos membros, cotovelos e região ventral do pescoço, principalmente em cães (ANDERSON & BROWN, 1978; WARD, 1970; POULSEN et al., 1985). Em gatos, é bastante observada fragilidade cutânea, com fácil destacamento da pele e com mínima manipulação do animal, que cicatriza com pouco ou nenhum sangramento (SCOTT, 1974; SEQUEIRA et al., 1999; BALDA et al., 2005). Outros sinais clínicos incluem alargamento do nariz, higroma, frouxidão auricular e alterações oculares, como microcórnea, luxação de cristalino e catarata (MEDLAU & HNILICA, 2003).

Pele hiperextensível, facilmente torcida e rompida com trauma mínimo, em animal jovem é altamente sugestivo dessa síndrome (SCOTT et al., 1996). Pode-se calcular o índice de extensibilidade medindo: (a) a altura vertical de prega a nível dorsolombar, por cima da coluna vertebral sem provocar dor; e (b) a longitude corporal, desde a crista occipital até a base da cauda. Na astenia cutânea a relação a/b é superior a 14,5% em cães e 19,0% em gatos (PATTERSON & MINOR, 1977). O diagnóstico definitivo pode necessitar de histopatologia da pele, nem sempre elucidativa, pois pode estar normal (MEDLAU & HNILICA, 2003), ou apresentar colágeno fragmentado, desorientado e desorganizado (FERNANDEZ et al., 1998). A microscopia eletrônica mostra a estrutura e/ou a quantidade de colágenos anormais (MEDLAU & HNILICA, 2003).

Não há tratamento específico para essa doença e o proprietário deve ser alertado sobre a hereditariedade e curso crônico da doença que torna o seu prognóstico desfavorável (JONES et al., 1997). Mudanças ambientais, como locais acolchoados e sem quinas e evitar acesso à rua sozinho, bem como medidas de proteção devem ser tomadas para prevenir traumas à pele. Os gatos devem ter as unhas removidas para evitar feridas de pele durante o ato próprio característico de higiene do animal (SCOTT et al., 1996). Controle periódico de ectoparasitas é fundamental na prevenção de prurido com automutilação (MEDLAU & HNILICA, 2003). Lacerações de pele devem ter reparo cirúrgico à medida que surgem (BENITAH et al., 2004).

MATERIAL E MÉTODOS

Um felino, sem raça definida, macho, 1 ano, de nome Keninho, RG 13358, não vacinado e vermifugado, com livre acesso à rua, foi

atendido no HV da UNOESTE, com queixa principal de apatia e anorexia fazia uma semana. Ao exame físico constataram-se leve grau de desidratação, além de mucosas hipocoradas e uma pequena laceração na cabeça. Realizou-se hemograma que apresentou somente leve leucopenia. Sugeriram-se protocolo terapêutico com fluidoterapia e antibioticoterapia. Durante a contenção do animal notaram-se hiperextensibilidade e fragilidade cutânea da região da cabeça e do flanco direito (Figura 1), com rompimento da pele e visualização do subcutâneo sem sangramento. A qualquer toque ou manipulação do animal o desprendimento da pele aumentava, o que impossibilitou a fixação de um cateter para realização de fluidoterapia. Foi então suspeitado de astenia cutânea e informado ao proprietário sobre a gravidade da doença e das medidas de proteção em relação ao animal.

O proprietário optou pela eutanásia do felino, por se tratar de um animal de livre acesso à rua e que somente vai para casa para se alimentar. Além disso, ele não se dispunha de um local adequado para manter o animal em casa.

A análise necroscópica não demonstrou nenhuma alteração digna de nota nos diversos órgãos examinados, com exceção da facilidade de destacamento da pele. Colheram-se amostras de pele das lesões da cabeça e do flanco direito. As biopsias foram fixadas em solução de formalina a 10% tamponada, pH 7,0 por 24 horas, e depois lavadas em água corrente por uma hora. Após isso, processaram-se os fragmentos da pele conforme a técnica de rotina histopatológica para microscopia óptica e inclusão em parafina. Com o auxílio de micrótomo rotativo, obtiveram-se cortes com 5 μ m de espessura das amostras, as quais foram coradas pelo método da hematoxilina e eosina e do tricrômio de Masson e examinadas no microscópio óptico. Colheram-se outros fragmentos de pele para exame de microscopia eletrônica, os quais foram fixados em glutaraldeído e pós-fixados em tetroxido de ósmio e embebidas em resina de araldite. As seções foram fixadas em acetato de uranil a 0,5% e examinadas num microscópio eletrônico de transmissão (Philips EM 301).



FIGURA 1. Fragilidade cutânea com fácil rompimento da pele no flanco direito (A) e na cabeça (A e B).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados clínicos observados nesse caso como hiperextensibilidade e fragilidade cutânea, idade e espécie animal foram sugestivos de astenia cutânea (SCOTT et al., 1996; MEDLAU & HNİLICA, 2003). Outro exame como cálculo

do índice de extensibilidade (PATTERSON & MINOR, 1977) não pôde ser realizado, em virtude de fragilidade com rompimento da pele e visualização do subcutâneo com indução de dor ao animal.

Os achados histopatológicos foram atrofia epidermo-dermal com depleção de anexos cutâ-

neos e discretas áreas de hemorragia nos locais de laceração. Ao tricômico de Masson, percebeu-se discreta desorganização de fibras colágenas. Já na microscopia eletrônica, alguns fragmentos mostraram fibras colágenas normais, porém outras amostras apresentaram intensa variação de diâmetro (Figura 2).

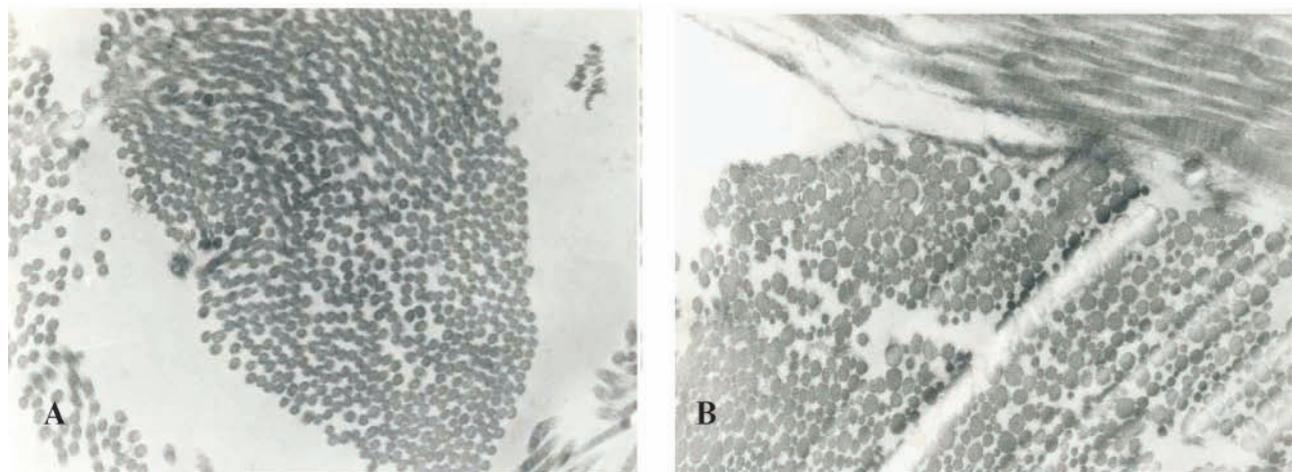


FIGURA 2. Microscopia eletrônica de transmissão (MET) (20.000x) das amostras retirada da pele do gato. (A) colágeno normal; (B) colágeno com intensa variação de diâmetro.

CONCLUSÕES

A astenia cutânea é uma doença relativamente rara e pouco documentada na Medicina Veterinária no Brasil. A importância do presente relato está no fato de poder fornecer mais subsídios para o entendimento dessa doença, diante de achados clínicos bastante sugestivos, com base na idade do animal e fragilidade cutânea, além de diagnóstico histopatológico e de microscopia eletrônica.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, J. H.; BROWN, R. E. Cutaneous asthenia in a dog. **Journal of American Veterinary Medical Association**, v. 173, n. 6, p. 742-743, 1985.

BALDA, A. C.; GUERRA, P. P. C. A.; MICHALANY, N.S. Síndrome da hiperfragilidade cutânea adquirida: relato de caso em gato com hepatopatia. In: CONGRESSO

Os achados histopatológicos e de microscopia eletrônica estão de acordo com as afirmações de MEDLAU & HNILICA (2003), que citam poder estar presente colágeno aparentemente normal e/ou desorganizado ou estruturalmente anormal.

PAULISTA DE CLÍNICOS DE PEQUENOS ANIMAIS, 5., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2005. p. 143-144.

BENITAH, N.; MATOUSEK, J. L.; BARNES, R. F.; LICHTENSTEIGER, C. A.; CAMPBELL, K. L. Diafragmatic and perineal hernias associated with cutaneous asthenia in a cat. **Journal of American Veterinary Association**, v.224, n. 5, p. 706-709, 2004.

COLLIER, L. L.; LEATHERS, C. W.; COUNTS, D. F. A clinical description of dermatosparaxis in a Himalayan cat. **Feline Practice**, v. 10, p. 25- 36, 1980.

COUNTS, D. F.; BYER, P. H.; HOLBROOK, K. A.; HEGREBERG, G. A. Dermatosparaxis in a Himalayan cat: I – biochemical studies of dermal collagen. **Journal of Investigation Dermatology**, v. 74, p. 96-99, 1980.

IGLAUER, F.; WILMERING, G.; HUISINGA, E.; WOLM, M., LORKE, D. E. Cutaneous asthenia (Ehlers-Danlos syndrome) in a domestic rabbit. **Deutch Tierarztl Wochenschr**, v. 106, n. 12, p. 500- 505, 1999.

HELLE, O.; NESS, N. N. A hereditary skin defect in sheep. **Acta Veterinaria Scandinava**, v. 13, p. 443- 445, 1972.

JONES, T. C.; HUNT, R. D.; KING, N. W. **Veterinary pathology**. 6th ed. Baltimore: Williams & Wilkins, 1997.

MEDLEAU, L. M.; HNILICA, K. A. **Dermatologia de pequenos animais**: atlas colorido e guia terapêutico. 1. ed. São Paulo: Roca, 2003.

PATTERSON, D. F.; MINOR, R. R. Hereditary fragility and hyperextensibility of the skin of cats. **Laboratory Investigation**, v. 37, p. 170-179,1977.

POULSEN, P. H.; THOMSEN, M. K.; KRISTENSEN, F. Cutaneous asthenia in the dog. A report of two cases. **Nordic Veterinary Medicine**, v. 37, n.5, p. 291 -297, 1985.

SCOTT, D. V. Cutaneous asthenia in a cat, resembling Ehlers-Danlos syndrome in man. **Veterinary Medicine of Small Animal Clinic**, v. 69, n.10, p. 1256-1258, 1974.

SCOTT, D. W.; MILLER, W. H.; GRIFFIN, C.E. **Muller & Kirk**: dermatologia de pequenos animais. 5. ed. Rio de Janeiro: Interlivros,1996.

SEQUEIRA, J. L.; ROCHA, N. S.; BANDARRA, L. M.; FIGUEIREDO, L. M. A.; EUGÊNIO, F. R. Collagen dysplasia (cutaneous asthenia) in a cat. **Veterinary Pathology**, v. 36, n. 6, p. 603-606, 1999.

SINKE, J. D.; VAN DIJK, J. E.; WILLEMSE, T. A case of Ehlers-Danlos syndrome in a rabbit with a review of the disease in other species. **Veterinary Quarterly**, v.19, p.182-185, 1997.

WARD, G. W. Cutaneous asthenia (cutis hyperelastica) of dogs. **Australian Veterinary Journal**, v. 46, n. 3, p. 115, 1970.

Protocolado em: 20 jun. 2006. Aceito em: 13 ago. 2007